

Richard Flanagan

A Senda Estreita  
para o Norte Profundo



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

© 2013, Richard Flanagan  
Todos os direitos reservados

Título: A Senda Estreita para o Norte Profundo  
Título original: *The Narrow Road to the Deep North* (2013)  
Autor: Richard Flanagan  
Tradução: Miguel Serras Pereira  
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))

© Relógio D'Água Editores, Fevereiro de 2015

Este projecto teve um apoio do Governo Australiano através do  
Australia Council for the Arts, o seu fundo para as artes e conselho consultivo.



Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-502-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º: 388976/15

Richard Flanagan

A Senda Estreita  
para o Norte Profundo

Tradução de  
Miguel Serras Pereira

Ficções

## 2

Os olhos dela ardiam como o azul de uma chama de gás. Com um brilho feroz. Por um momento, os seus olhos foram tudo o que ele via. E estavam a olhar para ele. Mas eram olhos vazios de olhar. Era como se ela estivesse pura e simplesmente a bebê-lo. Estaria a avaliá-lo? A julgá-lo? Ele não sabia. Talvez fosse a segurança dela a fazê-lo sentir-se ao mesmo tempo ressentido e inseguro. Receava que tudo aquilo fosse alguma partida refinada e que, no instante seguinte, ela soltasse uma gargalhada explosiva, secundada pelo seu enxame masculino, todos a rirem-se dele. Recuou um passo, esbarrou na estante, sem poder levar mais longe a retirada. Imobilizou-se onde estava, com a mão entalada entre o seu próprio corpo e uma prateleira, desastrosamente contorcido e de viés para ela.

Eu vi-o entrar na livraria, disse ela, sorrindo.

Mais tarde, se lhe perguntassem como era ela, Dorrigo hesitaria, perplexo. Era a flor, acabou por decidir para consigo, qualquer coisa como a audácia com que ela exibia, presa pelo pé atrás da orelha, uma grande flor vermelha no cabelo, o traço que melhor a resumia. Mas sabia que isso, com efeito, nada lhe dizia sobre ela.

Os seus olhos, disse ela de súbito.

Ele não disse nada. A verdade era que não fazia a mínima ideia do que devia dizer. Nunca ouvira uma coisa tão ridícula. *Olhos?* E, involuntariamente, deu por si a devolver-lhe o olhar, a olhá-la fixa-

mente, bebendo-a como ela o bebia. Ela parecia não se importar. Havia na situação uma espécie de intimidade inquietante e estranha, a consciência inexplicável e que o chocava — cravar assim fixamente os olhos numa mulher e ela estar-se nas tintas desde que fosse *ele* a olhar daquela maneira para ela.

Era tão vertiginoso como desconcertante. Ela exibia uma série de leves imperfeições entre as quais se destacava o pequeno sinal que tinha por cima do lado direito do lábio. E ele dava-se conta de que a soma de todas essas imperfeições produzia de certo modo um efeito de beleza — de uma beleza que era um poder, um poder consciente e inconsciente, ao mesmo tempo. Talvez, deliberou ele, ela pense que a sua beleza lhe concede o direito de ter tudo o que quiser. Pois bem, a ele, não o teria.

Tão pretos, disse ela, sorrindo agora. Mas com certeza que já lho disseram muitas vezes.

Não, disse ele.

Não era completamente verdade, mas, até então, nunca ninguém lho dissera exactamente como ela tinha dito. Havia qualquer coisa que o impedia de a deixar, de deixar aquela conversa excêntrica, de se afastar e sair. Relanceou o enxame de homens no outro extremo das estantes. Tinha a impressão inquietante de que ela pensava o que estava a dizer, e de que era só a pensar nele que o dizia.

A sua flor, disse Dorrigo Evans. É...

Não fazia a mais pequena ideia de que flor era aquela.

Roubada, disse ela.

Dir-se-ia que tinha todo o tempo do mundo para o apreciar, e, depois de o fazer e de descobrir que ele lhe agradava, ria-se agora de uma maneira que o fazia sentir que ela descobrira nele todos os maiores atractivos do mundo. Era como se a beleza dela, os seus olhos, tudo o que nela havia de sedutor e maravilhoso, agora existisse nele.

Gosta dela?, perguntou ela.

Muito.

Roubada de uma japoneira, disse ela, e riu de novo. E depois o seu riso — um breve cacarejo, súbito e ligeiramente rouco, e sugerindo um não-sei-quê de intimidade profunda — interrompeu-se. Inclinou-se para diante. Ele podia sentir o cheiro do seu perfume. E do álcool. Mas compreendeu que ela não dava pelo seu embaraço e que aquilo

não era uma tentativa de sedução. Ou de *flirt*. E embora ele não o tivesse querido nem desejasse, podia sentir que alguma coisa acontecia entre os dois, alguma coisa de inegável.

Deslizou a mão para trás das costas e voltou-se de maneira a ficar de frente para ela. Da janela, descia entre eles um raio de luz, no qual pairava uma poalha suspensa, e ele via-a como que assomando à janela de uma cela. Sorriu, disse qualquer coisa — não sabia o quê. Olhou, para lá do feixe luminoso, para o enxame dos homens, a guarda pretoriana dela que aguardava na sombra, esperando uma ocasião que lhe permitisse fazer prevalecer os seus interesses, e tirar partido da falta de jeito dele, para a arrebatá-lo de novo.

Que tipo de militar é você?, perguntou ela.

De militar, tenho pouco.

Servindo-se do livro, tocou ligeiramente a insígnia triangular castanha com um círculo verde inscrito que trazia cosida no ombro da farda.

Posto hospitalar de campanha. Sou médico.

Deu por que se sentia ao mesmo tempo ligeiramente ressentido e um tanto nervoso. O que tinha a beleza que ver com ele? Sobretudo, quando a expressão dela, a sua voz, a roupa que trazia vestida, tudo nela o levava a supô-la uma mulher de certa condição, enquanto ele, embora fosse agora médico, e oficial, não se afastara tanto das suas origens que tivesse deixado de sentir agudamente os efeitos desta diferença de posições.

Peço desculpa por me ter pendurado sem ter sido convidado...

Para o lançamento da revista? Oh, não! Acho que para eles é bem-vinda qualquer pessoa interessada. Ou até não interessada. Ali a Tippy — e indicou com um gesto da mão a outra mulher —, a Tippy diz que o poeta que cá veio ler os seus poemas vai revolucionar a literatura australiana.

Um bravo. Eu só me alistei para lutar contra o Hitler.

Você compreendeu alguma coisa do que ele esteve a ler? — perguntou ela, com uma expressão ao mesmo tempo decidida e interrogativa.

Dos pinguins?

Ela dirigiu-lhe um sorriso rasgado, como quem acaba de cruzar uma ponte difícil.

Gostei mais dos atacadores, disse ela.

Um dos membros da chusma dos seus admiradores estava a cantar à maneira de Paul Robeson: *Old horse Rowley, he just keep on rolling*.

A Tippy convenceu-nos a irmos todos, disse ela num tom novo de familiaridade, como se fossem amigos havia muitos anos. Eu, o irmão dela e alguns amigos dele. Ela foi colega de estudos do poeta lá de baixo. Estávamos num clube de oficiais a acompanhar a corrida e ela fez questão de nos trazer aqui para ouvirmos o Max.

Que Max?, perguntou Dorrigo.

O poeta. Mas pouco importa.

Quem é o Rowley?

Um cavalo. Mas também pouco importa.

Dorrigo emudeceu, não sabia que dizer, as palavras dela não faziam sentido, eram palavras que nada tinham que ver com o que se passava entre eles. Se o cavalo e o poeta pouco importavam, o que era que importava, então? Havia nela qualquer coisa — a intensidade, a franqueza, as maneiras selvagens? — que o perturbavam profundamente. Que queria ela? Estava à procura de quê? Ele estava ansioso por a ver partir.

Ao ouvir uma voz de homem, Dorrigo voltou-se e viu um dos membros do enxame — com um uniforme azul-claro da RAAF — que se aproximara deles, e dizia à mulher com o seu sotaque inglês afectado que precisavam que ela se lhes reunisse de novo para os *ajudar a resolver uma discussão que estamos a ter sobre apostas mútuas e probabilidades*. Os olhos dela seguiram os de Dorrigo, e a expressão do seu rosto transformou-se por completo ao reconhecer o uniforme azul. Era como se se tivesse tornado uma outra mulher, e os seus olhos, que tinham mostrado tanta vivacidade fitando Dorrigo, pareciam agora, enquanto olhavam o outro homem, ter-se tornado subitamente indiferentes.

O uniforme azul procurou ignorar a expressão dos olhos dela, voltando-se para Dorrigo.

Não sei se sabe que ele foi o que ela escolheu, disse ele.

Escolheu quem?

O velho *Rowley*. Cem contra um. A maior aposta da história da corrida. E *ela* sabia. Sabia perfeitamente que cavalo era. Ali o Harry ganhou vinte libras.

Antes de Dorrigo poder responder, a mulher dirigiu-se ao oficial da RAAF num tom que pareceu a Dorrigo extremamente amável, mas sem a menor emoção.

Só preciso de fazer mais uma pergunta a este meu amigo, disse ela, indicando Dorrigo. Depois vou ter convosco outra vez para discutirmos as apostas.

E, ditas estas poucas palavras, voltou-se de novo para Dorrigo, pondo de lado tão gelidamente o uniforme azul que este, passado um momento, se afastou para se juntar aos outros.

### 3

Que pergunta?

Não faço a mais pequena ideia, disse ela.

Ele receou que ela estivesse a divertir-se à custa dele. O instinto impelia-o a afastar-se, mas havia qualquer coisa que o retinha.

Que livro é esse?, perguntou ela, apontando-lhe para as mãos.

Catulo.

A sério? E sorriu de novo.

Dorrigo Evans queria ver-se livre dela, mas era incapaz de o fazer. Aqueles olhos, aquela flor vermelha. A maneira, uma maneira em que ele não queria acreditar, como ela parecia sorrir-*lhe*. Tirou a mão de trás das costas, tamborilou com os dedos nas lombadas dos livros da estante, nas lombadas dos volumes de Lucrécio, de Heródoto e de Ovídio. Mas os livros não responderam.

Um poeta romano, disse ele.

Leia-me um poema dele.

Ele abriu o livro, baixou os olhos sobre ele, tornou a levantá-los.

Tem a certeza?

Claro.

É muito seco.

Como Adelaide.

Desceu de novo os olhos sobre o livro aberto e leu:

*Senti uma outra fome  
Levantar-se entre  
A minha túnica e a capa.*

Fechou o livro.

Isso para mim é só latim, disse ela.

É latim para os dois, disse Dorrigo Evans. Esperara ofendê-la com o poema, e dava-se conta de que falhara. Ela estava outra vez a sorrir. Havia qualquer coisa que fazia que até uma atitude ofensiva dele parecesse um gesto de *flirt*, e Dorrigo acabou por perguntar-se se não seria isso que realmente se passava.

Olhou para a janela como que em busca de socorro. Que não encontrou.

Leia mais, disse ela.

Ele passou rapidamente umas quantas páginas, parou, folheou de novo o livro por um momento mais, tornou a parar, e começou:

*Vivamos e amemos  
E façamos orelhas moucas a esses velhos  
Que nos admoestam e censuram.  
Os sóis nascem de novo depois de se apagarem,  
Mas nós...*

Sentiu subir o furor dentro de si. Porque era, entre todos, aquele poema que precisamente se pusera a ler? Porque não algum outro, mais de molde a ofendê-la? Mas havia uma outra força agora, que se apoderara dele, que o conduzia, que o fazia continuar, numa voz baixa e forte, e seguir em frente:

*Mas nós, depois do breve brilho da nossa luz,  
Dormiremos na noite para sempre e nunca mais.*

Ela puxou para cima, prendendo-a entre o indicador e o polegar, a parte superior da blusa, enquanto continuava, ao mesmo tempo, a fitá-lo com uns olhos que diziam que, de facto, seria para baixo que gostaria de a puxar.

Ele fechou o livro. Não sabia o que dizer. Atropelavam-se-lhe no espírito muitas coisas — coisas divertidas, coisas inócuas, coisas

brutais que o levavam para muito longe da estante, para muito longe dela e do seu olhar terrível, dos seus olhos que eram uma chama azul feroz — mas não disse nenhuma delas. Em vez de todas as coisas estúpidas que poderia dizer, em vez de todas as coisas rudes e necessárias que poderia ter dito, ouviu-se a si próprio enquanto dizia:

Os seus olhos são...

Estávamos a falar do disparate que é o amor, interrompeu-o a voz de um estranho.

Voltando-se, Dorrigo viu que o mais desafortunado dos pretendentes, o amigo íntimo, deixara a roda dos admiradores dela para vir ter com eles e, presumivelmente, com o propósito de fazer regressar para junto do grupo aqueles olhos azuis. Considerando talvez que teria de se dirigir também a Dorrigo, o amigo dela sorriu-lhe, tentando, achava Dorrigo, avaliar o calibre de Dorrigo Evans, e em que pé estava com aquela mulher. Nada feito, sentia vontade de lhe dizer Dorrigo.

A maior parte das pessoas vive sem amor, disse o amigo. Não está de acordo?

Não sei, respondeu Dorrigo.

O amigo sorriu, um sorriso contorcido para Dorrigo, um sorriso demoradamente rasgado para ela, um convite cúmplice a que regressasse à companhia dele, ao mundo dele, ao enxame de zângãos. Ela ignorou o pretendente, virando-lhe as costas e dizendo-lhe que iria ter com os outros dentro de um minuto — tornando claro que o melhor era ele ir-se embora para a deixar continuar com Dorrigo. Porque, estritamente, aquilo que se passava entre os dois, bem, só a *eles* dizia respeito — embora Dorrigo, enquanto observava a silenciosa mas clara declaração dela, se desse conta de que não desejara nem consentira tal coisa.

Toda essa conversa do amor, continuou o pretendente, era puro disparate. A necessidade do amor não existe. Os melhores casamentos baseiam-se na compatibilidade mútua. A ciência demonstra que todos geramos campos electromagnéticos. Quando uma pessoa encontra outra cujos iões opostos se orientam na direcção certa, ambas se sentem atraídas. Mas isso não é amor.

O que é, então?, perguntou Dorrigo.

Magnetismo, disse o pretendente.

## 4

O major Nakamura jogava mal às cartas, mas acabara de vencer a última mão, porque tanto os seus oficiais mais jovens como os prisioneiros de guerra australianos que estavam a jogar com ele consideravam ser preferível que ele não perdesse. Por intermédio do seu intérprete, o tenente Fukuhara, Nakamura agradeceu o serão ao coronel e ao major australianos. O major japonês levantou-se, vacilou para trás, quase caiu, mas recuperou o equilíbrio. Nakamura parecia estranhamente em ebulição apesar da expressão quase derrotada que se lhe lia no rosto.

O *whisky* do Mekhong que o major trouxera fazia sentir os seus efeitos também sobre os dois oficiais australianos, e Dorrigo Evans movia-se cautelosamente depois de se ter posto de pé. Sabia que tinha agora, na qualidade de o Maior, o seu papel a desempenhar. Absterivera-se de o fazer durante todo o serão, mas considerava que, entretanto, chegara o momento de agir.

O Speedo prolongou-se por trinta e sete dias sem interrupção, Major, começou Dorrigo Evans. Nakamura olhou para ele, sorrindo. Dorrigo Evans devolveu-lhe o sorriso. Para satisfazermos os desejos do imperador, seria mais avisado controlarmos os nossos recursos. Para construirmos da melhor maneira o caminho-de-ferro, precisamos de deixar repousar um pouco os nossos homens em vez de os destruir. Um dia de descanso seria muito aconselhável, permitindo-nos preservar não só a energia dos nossos homens, mas os próprios homens.

Esperava seguramente que Nakamura explodisse, o agredisse ou ameaçasse, ou pelos menos irrompesse em uivos e berros. Mas o comandante japonês limitou-se a rir depois de escutar a tradução do tenente Fukuhara. Afastou-se rapidamente alguns passos, e estava já de saída, vacilante, quando Fukuhara traduziu a sua réplica a Dorrigo.

Major Nakamura diz que prisioneiros com sorte. Redimem a honra morrendo pelo imperador.

Nakamura deteve-se, voltou atrás e falou-lhes.

É verdade que esta guerra é cruel, traduziu o tenente Fukuhara. Que guerra o não é? Mas guerra são seres humanos. Guerra é o que somos. Guerra é o que fazemos. Caminho-de-ferro pode matar seres

humanos, mas eu não faço seres humanos. Faça caminho-de-ferro. Progresso não exige liberdade. Não precisa de liberdade para nada. Major Nakamura, ele diz que progresso é resultado de outras razões. Você, doutor, diz não-liberdade. Nós dizemos entusiasmo, nação, imperador. Você, doutor, diz crueldade. Nós dizemos destino. Conosco, ou sem nós. É o futuro.

Dorrigo Evans inclinou-se. Squizzy Taylor, que tinha o posto de major e era o seu segundo comandante, fez como ele.

Mas o major Nakamura não terminara ainda. Falou de novo e, quando se calou, Fukuhara disse:

Seu Império Britânico, diz major Nakamura. Ele diz: você pensa que seu império não precisa de não-liberdade, coronel? Foi construído de não-liberdade tábua a tábua, ponte a ponte de não-liberdade.

O major Nakamura virou costas e saiu. Dorriogo Evans cambaleou até ao abrigo dos oficiais e à sua cama no abrigo — uma cama de campanha demasiado pequena para ele. A cama de campanha era um privilégio absurdo que lhe agradava porque, de facto, nada tinha de privilégio. Olhou para o relógio. Indicava 1240 horas. Deixou escapar um gemido. Para apoiar as suas pernas demasiado compridas instalara um tripé de bambu, em cima do qual havia uma lata de querosene achatada e revestida também de bambu. Era frequente, quando se voltava durante o sono, fazer cair a lata.

Acendeu um coto de vela à cabeceira da cama de campanha e deitou-se. Pegou num livro decrépito — um bem precioso naquele campo: uma história sentimental que ele lia antes de adormecer para pensar noutra coisa e cuja leitura estava prestes a concluir. Mas agora, bebido, extenuado, doente, Dorriogo Evans não tinha nem vontade nem forças para se mover, e sentia já o sono a chamá-lo. Tornou a poisar o livro e soprou a vela.

## 5

O velho estava a sonhar que era um jovem que dormia num campo de prisioneiros de guerra. O sonho era a coisa mais real que Dorriogo Evans conhecia agora. E ele sempre perseguira o conhecimento, co-

mo uma estrela incerta, para lá dos confins extremos do pensamento humano.

Sentou-se na cama.

Que horas são?

Quase três.

Tenho de ir.

Não se atreveu a dizer o nome de Ella. Nem as palavras *minha mulher*, nem a palavra *casa*.

Onde está o meu *kilt*?

Estavas outra vez a pensar nela, não estavas?

O meu *kilt*?

Isso magoa-me, bem sabes.

Onde é que o raio do *kilt* se meteu?

Chegara com um *kilt* vestido, depois do jantar anual da Parramatta Burns Society, da qual era membro desde que o seu trabalho o fizera mudar-se para Sydney, em 1974, e acabara por tornar-se patrono sem outra razão, tanto quanto podia conceber, que não fosse, talvez, o seu vício público do *whisky* e o seu secreto vício das mulheres. E agora não sabia do *kilt*.

Não estou a falar da Ella, disse ela. Porque isso não é amor.

Ele pensou na sua mulher. Descobria no seu casamento uma solidão profunda. Não compreendia porque casara, por que razão era considerado errado dormir com várias mulheres, porque era que tudo isso tinha cada vez menos importância. Nem sabia dizer o que era a estranha dor crescente que sentia na parte de baixo do estômago, porque experimentava uma necessidade tão desesperada de sentir o cheiro das costas de Lynette Maison, ou por que razão a única coisa real na sua vida eram os sonhos.

Abriu o frigorífico do bar, tirou de lá de dentro a última garrafa em miniatura de *Glenfiddich*, e abanou a cabeça ao dar-se conta de que o bar estava equipado com o recente dispositivo tecnológico de um *touchpad* que fazia com que, quando ele pegava numa garrafa, o seu gesto fosse objecto de um registo electrónico imediato. Pressentia o advento de um novo mundo mais preciso, um mundo de domesticação, um mundo de fronteiras e controlos, no qual tudo se sabia e nada havia que fosse necessário experimentar. Dava-se conta de que a sua pessoa pública — o seu lado que aparecia em moedas e selos — con-

dizia bem com os novos tempos que se iniciavam, e que o outro lado, o seu lado íntimo, se tornaria cada vez mais incompreensível e desagradável — um lado que a conspiração dos outros tentaria esconder.

Não se adaptava à nova era de conformismo que prevalecia em todos os domínios, até mesmo nas emoções, e confundia-o ver como hoje as pessoas cultivavam uma proximidade excessiva umas com as outras e falavam de mais dos seus problemas, como se através de uma nomenclatura pudessem reconhecer a vida ou negar o seu caos. Sentia qualquer coisa que declinava — o modo como tendia cada vez mais a calcular-se o risco e, na medida do possível, a eliminá-lo, substituí-lo por um acolchado mundo novo no qual se investia mais paixão no espectáculo da preparação dos alimentos do que na leitura de poesia, no qual a emoção mais excitante era pagar para comer uma sopa cozinhada com ervas apanhadas no campo. Ele comeria sopa com ervas apanhadas no campo, e preferia alimentos sólidos. Eram histórias de mortos que cartografavam a Austrália que procurava refúgio na sua cabeça; a Austrália dos vivos parecia-lhe um país cada vez mais estranho.

Dorrigo Evans crescera numa época em que era possível conceber-se e viver-se uma vida à imagem da poesia, ou, como era cada vez mais frequentemente o seu caso, à imagem da sombra de um só poema. Se o advento da televisão e, com ela, a ideia de celebridade correspondente — a celebridade de gente, pensava Dorrito, que, noutro caso, uma pessoa não acharia desejável conhecer — acabaram com essa época, os novos tempos ainda dela se alimentavam ocasionalmente, descobrindo no brilho daqueles que tinham ordenado a sua vida segundo o nobre mistério da poesia um tema que se prestava a ser transposto em imagens que dispensavam grande reflexão.

Fora um documentário, que mostrava Dorrito regressando à Linha no *Anzac Day* de 1972, que começara a torná-lo uma figura nacional, condição que se vira reforçada por posteriores participações em *talk shows* durante os quais ele adoptava a postura de um humanista conservador, outra máscara.

Dorrigo apercebia-se de que sobrevivia à sua época e, animado pelo seu eterno desejo de viver mais audaciosamente, desatarraxou a tampa da miniatura de garrafa de *whisky*. Enquanto bebia um gole, os seus dedos dos pés descobriram o *kilt* no chão, aos pés do frigorífico do bar.

Ao recolher o *kilt*, olhou para a cama onde, na estranha luz de presença produzida pelo relógio digital de cabeceira e pelos pequenos pontos luminosos e verdes dos alarmes de incêndio, Lynette parecia como que submersa. Notou que ela tinha um braço a tapar os olhos. Levantou-lhe o braço: Lynette estava a chorar. Silenciosamente, sem se mexer.

Lynette?

Está tudo bem, disse ela. Tens de ir.

Ele não queria dizer o que, todavia, teve de dizer.

Qual é o problema?

Não é nada.

Dorrigo inclinou-se e tocou-lhe com os lábios a testa em tom de musgo. O sabor do pó que ela usava. O cheiro sufocante a jasmim que despertava sempre nele um desejo de fuga.

É duro, disse ela, querermos uma coisa e não podermos tê-la.

Ele pegou nas chaves do carro. Era um grande prazer ter vindo a conduzir bêbado por ruas secundárias, à luz dos faróis — aquele jogo de conseguir a maneira mais segura de não ser apanhado, de conseguir evadir-se uma vez mais. Acabou de vestir-se à pressa, sorveu o que restava da última miniatura de garrafa de *Glenfiddich*, precisou de cinco frustrantes minutos à procura do seu *sporrán* que também se extraviara, acabando por encontrá-lo debaixo do livro de poemas de morte japoneses, e saiu, esquecendo-se de levar o livro.

## 6

Dorrigo tinha uma licença de quarenta e oito horas na semana seguinte. Apanhou boleia a bordo de um avião militar que voava para Melbourne, e durante dois dias e uma noite tranquilos e vazios que passou com Ella tentou movimentar-se e ser o mais ruidoso possível. Agarrava-se a ela mais desesperadamente do que nunca, como um homem na iminência de ser atirado para a morte se agarra desesperadamente à lama em que se afunda.

Esteve várias vezes quase a falar a Ella da mulher que o abordara na livraria de Adelaide. Mas que lhe poderia dizer? Nada acontecera. Ele e Ella dançaram. Beberam. Que acontecera? Nada acontecera.

Agarrava-se a Ella como a uma bóia de salvação. Ansiava pelo momento de a ter consigo na cama para descobrir os dois, ela e ele, de novo juntos, e sentia-se grato por ela nada saber daquilo que lhe parecia agora, a ele, subitamente adúltero. Os seus cabelos negros, os seus olhos escuros, a sua figura cheia — era bela, e contudo ele nada sentia.

Que acontecera? Dorrigo não pensava em cabelos negros nem em olhos escuros, mas numa impressão tão desconcertante como a dança suspensa de milhões de grãos de poeira insignificantes. Experimentava um estranho sentimento de culpa que o fazia sucumbir à desolação. Mas que fizera ele, de facto? Não fizera fosse o que fosse. Ou fizera, quando muito, uns minutos de conversa, e afastara-se depois, saíra da livraria. Não sabia sequer o seu nome. Que lhe perguntara ele? Que lhe dissera ela? Nada! Nada! Não sabia sequer o seu nome.

O mundo de Ella — que até então lhe parecera tão reconfortante devido à sua segurança e à certeza com que o fazia sentir que o desejara — tornava-se agora, para Dorrigo, pálido e exangue. Embora tentasse redescobrir essa impressão de desafogo, esse inextirpável aroma do poder e dos seus privilégios que anteriormente achara tão atraentes, tudo isso nada lhe dizia agora — pior, causava-lhe repulsa.

Ella e os outros explicavam a nova aparência de mal-estar de Dorrigo por meio do grande agente de dissolução do tempo, que era a guerra. A guerra pressionava, a guerra perturbava, a guerra consumia, a guerra desculpava. Pelo seu lado, Dorrigo pensava que não podia esperar pela guerra, se a alternativa era essa.

Acabou por contar a Ella o que se passara, referindo-se simplesmente a um encontro insólito, embora ao descrevê-lo tivesse a impressão de qualquer coisa que evocava uma infidelidade. Sentia uma vergonha incomunicável. Porque não poderia ele desejar Ella? E depois de ter retratado aquela estranha como uma mulher excessivamente exuberante e bastante inconveniente, sentia que traíra a verdade do que acontecera, tanto no que lhe dizia respeito a ela como, de certo modo, a si próprio. E acabou a história com um frémito de desagrado.

Era bonita?, perguntou Ella.

Ele respondeu-lhe que era uma mulher banal. Dando-se conta de que devia dizer alguma coisa mais, disse que ela — e procurou algum traço da mulher que não lhe tivesse ficado gravado na memória e que pudes-

se referir sem inconveniência — tinha uns bonitos *dentes*. Tinha uns dentes bonitos, disse ele. Pode-se dizer que realmente tinha, disse ele.

— Umas belas presas, talvez devesse tu dizer, disse Ella, subindo ligeiramente de tom. E uma camélia vermelha no cabelo? Realmente. Deve ter o ar de uma fera.

Mas não tinha o ar de uma fera. Estivera ali e alguma coisa acontecera, alguma coisa passara entre os dois, e o grande desejo dele seria que nada disso tivesse sucedido. Porque Ella aparecia-lhe agora como alguém que nunca até então conhecera. O seu tagarelar que outrora achara alegre chocava-o agora como tolo e falso, o perfume que ela só usava para ele transformava-se agora em fedor nas suas narinas, e ele tinha uma intensa vontade de a magoar e fazer com que ela o deixasse.

Devo ter ciúmes?, perguntou Ella.

De quê?, disse ele. Nem sei dizer-te como fiquei radiante quando me vi para fora da porta daquela livraria.

No momento seguinte, estava a beijar Ella. Ella era bondosa, disse Dorrigo de si para si. E algures, no seu íntimo, sentiu compaixão de Ella, juntamente com a intuição, soterrada no mais fundo de si, de que os dois estavam destinados a sofrer devido à bondade dela e à sua própria compaixão. Odiava a bondade de Ella e receava a sua própria piedade, e tudo o que desejava era apenas poder fugir para sempre de tudo isso. E quanto mais odiava e temia e ansiava por fugir, mais persistia em beijá-la, e à medida que os seus abraços se foram tornando mais apaixonados, e um momento foi sucedendo a outro, e um dia ao seguinte, à medida que a vida se foi enchendo de vida, o humor desolado de Dorrigo desapareceu, e ele deixou quase por completo de pensar na rapariga da camélia vermelha.

Estava mais animado, e eis que, de súbito, a licença parecia passar depressa de mais, ao mesmo tempo que ele se descobria no meio de um turbilhão interminável de festas, encontros ocasionais e novos conhecimentos. Toda a gente parecia querer ver o homem de Ella — tanto os seus amigos como os amigos dos seus pais. E assim Dorrigo ia conhecendo boa parte da sociedade de Melbourne, acabando por ver-se a si próprio à imagem dos membros daquela: como um jovem que, depois da guerra, estava destinado a fazer grandes coisas. E todos os elementos desta vida perfeita se conjugavam maravilhosamente — Dorrigo e Ella, e a família de Ella, e o seu lugar no mundo

que, em breve, seria também o lugar do próprio Dorrigo. E o que fora tão difícil no que dizia respeito a Ella tornava-se agora inesperadamente fácil: já não havia barreiras entre eles, e tudo era de novo como antes, ou melhor ainda, talvez, e ele esquecera completamente tanto a livraria como as suas próprias dúvidas.

Ao regressar a Adelaide, absorveu-se no seu trabalho no estado-maior que tanto detestava antes. No exterior do barracão Nissen no sector administrativo do aquartelamento de Warradale — onde ele e outros oficiais médicos tinham sido instalados — o vento levantava turbilhões de poeira na parada, enquanto lá dentro, onde reinava um calor de fornalha, Dorrigo tentava concentrar-se nos preparativos do embarque: obter materiais e equipamentos que ou não existiam ou ninguém considerara necessários, bem como enfrentar uma quantidade desconcertante de papéis cujo propósito ou finalidade só raramente lhe parecia inteligível. A noite trazia consigo a perspectiva de uma temperatura ligeiramente mais fresca e reuniões com cerveja fria e ponches de rum gelado, nas quais ele mergulhava também, em busca de um esquecimento que por vezes encontrava.

Chegou um postal de Keith Mulvaney, convidando-o de novo a ir vê-lo ao seu *pub*, o King of Cornwall. Ilustrava o postal uma fotografia colorida à mão do hotel, que mostrava um grandioso edifício de pedra com quatro pisos — com uma varanda de três lados em cada piso, que parecia correr sobre uma praia comprida e vazia — e cuja construção, segundo o postal, datava de 1886. A julgar pelos *canotiers* e os bigodes dos homens que a fotografia captara diante do hotel, o próprio postal pouco mais recente seria. Dorrigo deixou-o perder-se no meio da massa de documentos do gabinete.

Um sentimento crescente de frustração alastrava sobre todas as coisas e sobre os homens à medida que chegavam notícias do *Blitz* sobre Londres, juntamente com as primeiras notícias sobre os australianos que se batiam na Líbia contra os italianos, enquanto eles continuavam ali, no seu aquartelamento, em Adelaide. Havia um constante vaivém de rumores sobre o embarque iminente e o seu possível destino: Grécia, Grã-Bretanha, Norte de África, uma invasão da Noruega.

Dorrigo afogava-se na vida, num trabalho furioso e em reuniões sociais frenéticas, deixando que tudo o resto se esbatasse cada vez mais. Um fim-de-tarde, sob uma pilha de formulários de requisição

de macas, descobriu por acaso o postal de Keith Mulvaney com a fotografia do seu hotel fronteiro à praia. E no fim de semana seguinte, como tinha doze horas de licença e nada melhor que fazer, Dorrigo Evans pôs-se a caminho da costa num furgão *Studebaker* alimentado a carvão que pedira emprestado ao irmão do seu ordenança.

Quase ao crepúsculo, chegou a uma pequena povoação que servia de aldeia de férias a moradores de Adelaide. Com a brisa do oceano e o som das vagas, o calor tornava-se não só tolerável, mas também, de certo modo, sensual e propício. Se a praia parecia ter a extensão que aparentava no postal, o King of Cornwall era ao mesmo tempo mais imponente e mais degradado do que a fotografia o mostrava, e havia nele o encanto alquímico das coisas antigas arruinadas pela dureza dos tempos.

Lá dentro, havia um bar de tecto alto, muito comprido e escuro em estilo sul-australiano, e cuja penumbra se tornava acolhedora após a brutal luz exterior do Verão do Sul da Austrália. As tonalidades da madeira manchada e as cores sombrias pareciam sossegar e repousar os olhos após a incandescência do mundo exterior. Os ventiladores de tecto acompanhavam ritmicamente o rufar surdo das conversas dos clientes que bebiam. Dorrigo aproximou-se do balcão, onde uma empregada estava a arrumar algumas garrafas na prateleira do fundo. A mulher estava de costas voltadas, e ele perguntou-lhe se não o poderia ajudar a encontrar Keith Mulvaney.

Sou sobrinho do Keith, acrescentara.

Então, deve ser o Dorrigo, disse a *barmaid*, virando-se para ele. Tinha o cabelo louro puxado para trás e apanhado num rolo. Eu sou...

Um cone de luz eléctrica cujo reflexo brilhou na madeira do tampo fez-lhe cintilar os olhos azuis. Por um momento encheu-os alguma coisa que a seguir se dissipou.

Eu sou a mulher do Keith, disse ela.